

Amealhando Memórias

Nossa jangada está de volta. A firmeza necessária da comandante Regina Alcântara, acompanhada da precisa, indefectível, e confiável bússola, que carinhosamente chamamos de Outeiral, nos transmitiram a tranquilidade necessária para singrar mares conhecidos, mas nunca dantes navegados. Mares misteriosos do inconsciente, percorridos em calma.

Os véus eriçados imprimiam o movimento, acolhendo os ventos que não paravam de soprar. Que os digam as moças desavisadas, com suas saias esvoaçantes, acautelando-se ao passarem pelo convés.

Na imensa jangada, em cada cabine que entrávamos, nossos ouvidos eram contemplados por palavras ternas e adocicadas, como se saíssem dos lábios de mel da Iracema, de Alencar.

Alguns poucos, tentavam se esconder atrás dos biombos da racionalidade e das falas teóricas intelectualizadas. Alguns muitos, lançavam-se ao desvelamento, tendo sua alma como sua palma, como convém aos deuses, aos poetas, e aos filhos de mães suficientemente boas. Sobressaía o respeito mútuo. De cada um, segundo suas possibilidades. Afinal, estávamos todos no mesmo barco.

O que nunca faltou, foi humor. Talvez inspirado pelo saudoso cearense Chico Anysio, presente em nosso imaginário. Circulavam entre nós, de mãos dadas, o brincar e a realidade.

O banquete oferecido no jantar de confraternização, deu o toque definitivo de elegância e bom gosto. Na terra de Eleazar de Carvalho, os sons da flauta e do violão, ecoavam entre taças e talheres, harmonizando em dueto, o auditivo e o gustativo. Uma oferenda para lá de merecida aos guerreiros militantes Anna Melgaço, José Outeiral e Sueli Hisada.

Num prolongar festivo, abrem-se as cortinas, e estamos com Winnicott, para comemorar o último aniversário do grande mestre Freud, iniciador de tudo que nos significa. Uma espécie de descobridor dos sete mares.

Pelas delicadas mãos de Luiza Moura, desliza-se um texto, com a marca indelével de seu coração generoso e sua sensível e profunda inteligência, deixando todos perplexos nesse misto de ficção e realidade. Podemos imaginar as palavras escorrendo pelos seus dedos, quando escrevia.

Brotando de sua fonte inesgotável de criatividade, percorrendo os caminhos desafiantes das obras literárias, Luiza nos oferecia esse rio de águas límpidas e suaves, que seguia seu curso, até desembocar num oceano de competência.

A batuta altiva e discreta de Ana Leão, maestrava o espetáculo, envolvendo elenco e plateia numa sublime integração. Era como se estivéssemos ao mesmo tempo, todos no palco e na plateia. Assim como nos sonhos, onde podemos ser protagonistas e espectador dentro do mesmo cenário. Um momento mágico !

No encerramento da viagem, uma oportuna, sincera e merecida homenagem, aos “operários” anônimos, sem crachá, que ajudaram a construir nossa jangada, e nos acompanharam, dirimindo dúvidas, desfazendo dificuldades, plenos de simpatia.

Durante todo o percurso, convivemos com o que era importante, e com o que era essencial. Com o que se mostrava visível, e com o que os olhos não podiam alcançar. Como no segredo de Antoine de Saint – Exupéry: “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Tu te tornas, eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Essencial é a saudade que cada um carrega dentro de si. Não tenha medo da saudade ! Fiquemos com os poetas dessas terras do Ceará, Fágner e Belchior, em Mucuripe:

“Não tenho medo da saudade

Nem vontade de casar.

Aquela estrela é dela,

Vida, vento, vela, leva-me daqui”.

A todos os passageiros e tripulantes, um abraço terno, prolongado, e absolutamente silencioso.

José Carlos Guedes